



Uma onda de manifestações mobilizou mulheres de todos os continentes, ontem, em defesa de seus direitos e conquistas, que vêm retrocedendo em países como o Afeganistão, ou estão sob pressão em nações como os Estados Unidos, onde o direito ao aborto é questionado. Os protestos também repudiaram a explosão dos índices de violência e feminicídio verificados, sobretudo, nas Américas do Sul e Central, com Brasil, Colômbia e México como destaques.

No conservador e patriarcal Paquistão, milhares de mulheres foram às ruas apesar da tentativa das autoridades de várias cidades de impedir os atos. “Não vamos mais ficar caladas. É nosso dia, nosso momento”, afirmou a professora Rabail Akhtar, em Lahore.

No Afeganistão, classificado pela ONU como “o país mais repressivo do mundo em relação aos direitos das mulheres”, cerca de 20 mulheres desafiaram as severas restrições impostas pelo Talibã e se manifestaram em Cabul.

Em um gesto de grande simbolismo, o Reino Unido congelou os ativos e proibiu a entrada ao país de pessoas e entidades responsáveis por agressões contra as mulheres no Irã, na Síria, no Sudão do Sul e na República Centro-africana. Comportamento idêntico foi adotado na véspera pela União Europeia.

Na Irlanda, onde a Igreja Católica exerceu, durante décadas, um ferrenho domínio moral, o governo anunciou para novembro um referendo para decidir se serão eliminados artigos constitucionais que determinam que o lugar da mulher é “o lar”.

Cidades da Espanha também foram palco de protestos. O centro de Madri foi tomado por uma multidão, que incluiu ministros do partido de esquerda radical Podemos. Na França, a data também foi marcada pela luta contra a reforma da Previdência.

Uma das reivindicações centrais dos protestos foi a defesa do direito ao aborto, fragilizada nos Estados Unidos pela decisão da Suprema Corte de revogar a sentença de 1973, que garantia a interrupção voluntária da gravidez em âmbito federal. Esse direito também foi reduzido na Hungria e na Polônia.

Contrariando essa tendência, o presidente Emmanuel Macron declarou seu apoio a uma iniciativa de blindar essa prerrogativa. “Quero que a força dessa mensagem nos ajude a mudar nossa Constituição para marcar a liberdade das mulheres a recorrer à interrupção voluntária da gravidez”, declarou.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

NAS RUAS POR MAIS DIREITOS

Manifestações por países de todos os continentes denunciam aumento da violência e desigualdades, e exigem respeito e ampliação de conquistas que vêm sofrendo retrocessos



Em Paris, francesas reforçaram o coro contra a reforma previdenciária. Emmanuel Macron propôs, ontem, inscrever ‘liberdade’ à interrupção da gravidez na Constituição

Fotos: AFP



Afegãs desafiam as severas restrições impostas pelo Talibã



Grupo marcha em defesa da liberdade das iranianas, em Londres



Em San Salvador, cartaz em apoio ao aborto e contra o patriarcado



“Quiseram nos apagar e agora brilhamos mais”, exalta argentina



Policiais entram em choque com manifestantes no Sri Lanka

Putin e Zelensky enaltecem suporte feminino

Inimigos em campo de batalha, os presidentes da Ucrânia e da Rússia, Volodymyr Zelensky e Vladimir Putin, enalteceram, ontem, o papel das mulheres no conflito entre os dois países por ocasião do dia 8 de março. “Acho importante dizer isso hoje. Agradecer a todas as mulheres que trabalham, ensinam, estudam, economizam, cuidam e lutam pela Ucrânia”, ressaltou o ucraniano, em vídeo. Em Moscou, Putin aproveitou a data para saudar

aquelas que “cumprem o seu dever” ao serviço da Rússia, numa alusão à ofensiva militar.

Na gravação, Volodymyr Zelensky pediu à população para “lembrar, pensar e agradecer a todas as mulheres que sacrificaram suas vidas” pelo país. Em breve pronunciamento, ele prometeu mais uma vez a vitória aos seus compatriotas, que resistem à invasão liderada por Moscou há mais de um ano. “Juntos somos mais fortes, invencíveis”,

ênfaticou o líder ucraniano.

No Kremlin, Putin comandou uma cerimônia de entrega de condecorações a mulheres que se destacaram em diferentes setores. “Hoje, quando a Rússia mais uma vez enfrenta ameaças diretas à sua segurança e soberania, vemos inúmeros exemplos de coragem e determinação”, afirmou. “Há mulheres nesta sala que cumprem com honra seu dever militar.”

Defensor autoproclamado

dos “valores tradicionais” perante o Ocidente que considera decadente, o líder russo criou por decreto, no ano passado, o prêmio “Mãe-heróina” para mulheres com 10 filhos ou mais. Duas mulheres receberam o prêmio na solenidade de ontem.

Na véspera, a vulnerabilidade das mulheres em meio a conflitos armados foi tema de debate no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Apesar de uma resolução da ONU

do ano 2000 prever a proteção e a inclusão feminina nos processos de paz, elas continuam sendo as primeiras vítimas das guerras e estão sub-representadas nas mesas de negociação, denunciaram representantes oficiais.

“Em 20 anos, não mudamos de forma significativa a composição das mesas de negociação da paz, nem alteramos a impunidade da qual desfrutam aqueles que cometem atrocidades contra

mulheres e jovens”, lamentou Sima Bahous, diretora executiva da ONU Mulheres.

A situação no Afeganistão, agravada após a retomada do poder pelo Talibã, mereceu atenção especial. “É um dos exemplos mais extremos do retrocesso nos direitos das mulheres”, frisou Bauhaus. Sobre a guerra no leste europeu, ela lembrou que “as mulheres e seus filhos representam 90% dos cerca de 8 milhões de ucranianos que tiveram que abandonar o país”.